

## REVOLUÇÃO SEXUAL

Na verdade parece que estamos condenados ao sexo. Ou melhor, sermos sexo. Ele é a nossa verdade mais profunda, a raiz da nossa subjetividade, o segredo que se esconde e mostra-se a cada gesto, a cada atitude. Nada escapa ao sexo avassalador. Ao que parece, isto não vem de hoje. Há cerca de 23 séculos nos debatemos nas malhas do sexo, qual moscas presas ao vaso de mel. Mostra-nos Foucault na sua "História da sexualidade I: a vontade de saber", como a partir do seio da Igreja Católica com as técnicas de confissão e de exame de consciência, o homem ocidental viu-se obrigado a vasculhar o seu íntimo, em busca da gênese de seus desejos, de seus pecados. Agora não basta apenas a materialidade do ato delituoso, é preciso desvendar o nascedouro da falta. Não somente a Igreja desenvolve estas técnicas de confissão, de inquérito, mas estas se estendem à Medicina (o doente que confessa ao médico), à Justiça (o réu que confessa o crime), etc. Em suma, o homem ocidental torna-se um ser confidente. E o sexo é, sem dúvida, um dos grandes temas de confissão. Claro que esta colocação do sexo em discurso (o sexo falante) significa uma forma de controle sobre a população sem significar, contudo, um controle negativo (que nega o sexo), mas um controle positivo que gera a própria sexualidade por meio de sua administração, seu gerenciamento. Não se trata de abolir ou negar o sexo, porém de colocá-lo numa economia de "bom uso". Concomitantemente surge a figura do portador da sexualidade perversa: a mulher histórica, a criança masturbadora, o homossexual. O surgimento da psicanálise e da psiquiatria no séc. XIX, é o campo propício para a proliferação destas "sexualidades perversas". Estes saberes (como quer Foucault) na tarefa da hermenêutica do desejo e de catalogação dos prazeres instauraram a "era do sexo".



Não preciso ver muito para perceber que vivemos num mundo da "monarquia do sexo". Por conta disso multiplicam-se os especialistas (psicólogos, psicanalistas, sexólogos, conselheiros e caterva...) para ditar ao homem a melhor forma de uso do sexo. "Libere sua libido, goze, mostre seu corpo bronzeado". "Viva intensamente a sua sexualidade". Chamam a isto de liberação sexual e muitos... acreditam. É possível uma revolução sexual dentro deste contexto?

Uma revolução sexual (se for possível) deve ser uma radical mudança ocorrida sobre a relação HOMEM/SEXO. Creio ser preciso ir às raízes da própria noção, "tão natural" para nós, de "sexualidade". Esta análise mostrará que ela é uma realidade histórica (tem uma origem no tempo) e que varia de cultura para cultura (já ficou desmentido, por exemplo, a universalidade do complexo de Édipo, de Freud). Esta constatação nos faz pensar noutras possibilidades de experienciar o sexo. Talvez um movimento contrário ao de "adentramento" e "adensamento" do sexo no homem. Quero dizer: negar a sexualidade, tal como concebida e vivenciada hoje como "verdade mais profunda". Volta ao "sexo de superfície", sem nenhuma "substância subjetiva". Retorno ao sexo dos geni-

tais, ao corpo (só ele). Animalização? Empobrecimento? No nosso corpo reside a nossa melhor sabedoria, diria Nietzsche. Desobrigação sexual. Fim da obrigação de ser "eficiente" na cama! Que a castidade (por que não) e o sexo hiperativo não sejam mais anomalias! Que o sexo deixe de ser a nossa verdade mais profunda! O tema freqüente de preocupação, de angústia! Que o objeto e a forma de gozo não sejam critérios de classificação, deixasse de ter sentido o desejo homo e o desejo heterossexual, vistos como antagônicos e tensos entre si!

Em suma, uma revolução sexual seria a ultrapassagem da sexualidade, um retorno do sexo à super-

fície inocente do corpo. Alguns dirão: "é o fim do amor, da afetividade". Creio que aqui se faz necessária a demarcação cuidadosa entre sexo e amor (realidade meio incorpórea). Sexo e amor são independentes! Esta experiência, já é realidade para os homens (uma para amar, outra para trepar); resta às mulheres livres da "peste romântica" efetuarem esta distinção o mais breve possível. Todavia para aqueles que acham que "só com amor vale o sexo", continuem assim, e deixem de estigmatizar os partidários do sexo não-romântico.

Francisco J. A. dos Santos